

GLAUCE APARECIDA DE SOUZA



**ARTES VISUAIS: UM CAMINHO POSSÍVEL NA EDUCAÇÃO  
PRISIONAL?**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2015

GLAUCE APARECIDA DE SOUZA

**ARTES VISUAIS: UM CAMINHO POSSÍVEL NA EDUCAÇÃO  
PRISIONAL?**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Verona Campos Segantini

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Souza, Glauce Aparecida, 1976- Artes Visuais: Um Caminho Possível na Educação Prisional: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Glauce Aparecida de Souza– 2015. 35 f.

Orientador(a): Verona Campos Segantini

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Segantini, Verona Campos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada Artes Visuais: Um Caminho Possível na Educação Prisional, de autoria de Glauce Aparecida de Souza, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Verona Campos Segantini - Orientador

---

Cláudia Regina dos Anjos - Membro da banca

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

“Programados para aprender e impossibilitados de viver sem a referência de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.”

Paulo Freire

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus, por ter me dado força e saúde para concluir mais uma etapa nesta minha caminhada. Agradeço a Ele por tudo.

Ao meu filho, por me permitir aprender com ele, mais do que ensinar.

À minha mãe, por ser sempre um exemplo e por sempre acreditar em mim. Seu orgulho é que me fortalece.

Ao meu companheiro por acreditar em mim sempre, mesmo nos momentos em que fraquejei.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Verona Campos Segantini, por ter acreditado na realização desta pesquisa; pela compreensão e paciência em todos os meus momentos de indecisões, insegurança e atrasos, pela sabedoria compartilhada e pelo respeito e autonomia concedida.

Ao tutor à distância, Humberto, e ao tutor presencial Cristiano, muito obrigado pelo carinho, pela atenção, pela disponibilidade e pela paciência.

Obrigada por tudo!

## RESUMO

Este trabalho traz uma discussão sobre as artes visuais e suas contribuições em uma Escola dentro de um presídio. Este estudo procurou identificar a importância da Arte no processo de formação do indivíduo. Tem como objetivo possibilitar uma análise crítica e consciente ao ensino no sistema carcerário. A abordagem da pesquisa foi qualitativa e foi utilizado a observação participante, a entrevista e o questionário como instrumentos de coleta de dados. Esta investigação contribui para a reflexão sobre a importância do ensino e do ensino de artes visuais no Presídio.

**Palavras-chave:** ensino, artes-visuais, educação prisional.

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO .....	7
CAPÍTULO 1. APRESENTANDO A ESCOLA .....	9
1.1 UM BREVE HISTÓRICO.....	9
1.2 TEMPO E ESPAÇOS ESCOLARES .....	13
1.3 ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA.....	15
CAPÍTULO 2: O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO SISTEMA PENITENCIÁRIO .....	17
CAPÍTULO 3: CRIANDO.... ALÉM DAS GRADES .....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS.....	36



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como intenção introduzir uma discussão sobre as possibilidades do ensino das Artes Visuais no ensino fundamental na Escola Estadual Detetive Marco Antônio. Ela pretende questionar os limites e os desafios do processo de ensino em Artes Visuais em uma escola inserida em um presídio.

Por sugestão da minha orientadora, o objeto de estudo foi modificado, possibilitando refletir sobre a realidade que me encontro inserida. Atualmente trabalho como professora de biblioteca na referida escola. Ao discutir (e muito) sobre a possibilidade de mudar o tema, surgiu a educação prisional como um desafio.

Portanto, meu objeto de pesquisa foi se modulando até se tornar o ensino de artes visuais, seus limites e possibilidades, em uma Escola dentro do Presídio.

Este estudo destacará os desafios e os possíveis caminhos para se trabalhar arte na referida escola. Ele pretende apontar as dificuldades que esta disciplina enfrenta em uma escola inserida um sistema prisional e na modalidade Educação para jovens e adultos (EJA). Pretendemos identificar metodologias utilizadas nesse ensino, discutir a interação professor-aluno e examinar o processo fazer-ensinar-aprender.

O Projeto Político Pedagógico nos apresenta o aluno do presídio, suas particularidades, mas quem são os alunos de EJA? Segundo o Manual do Educador, da Editora Moderna (2013, p.183,184).

São pessoas muito diferentes em termos individuais, culturais, entre outros aspectos, mas que se identificam quanto ao fato de não terem frequentado a escola nas fases da infância e da adolescência, por razões diversas. Alguns desses alunos nem sequer passaram na escola nessas fases. Outros o fizeram de modo um pouco sistemático, interrompendo seus estudos devido a inúmeros fatores, à necessidade de entrar muito cedo no mercado de trabalho para ajudar o sustento da família.

Os alunos do presídio são alunos de EJA. São diferentes quanto ao lugar de origem, à faixa etária, à experiência escolar, ao tipo de trabalho que exercem, ao gosto musical, ao gênero, a experiência familiar entre outros aspectos. Afirma o Manual, “Essa diversidade de histórias de vida promove uma diversidade de conhecimentos e habilidades que marca as turmas de EJA.” (2013, p.184)

No capítulo I faremos a apresentação da escola, sua localização, seu regime de ensino, documentos que orientam o ensino, planos pedagógicos, tempos e

espaços escolares, práticas, dentre outros aspectos. Neste capítulo poderemos compreender a especificidade do ensino carcerário, além de conhecer a realidade de uma escola prisional.

O capítulo II apresenta uma reflexão sobre o papel da Escola no contexto prisional e uma análise sobre o ensino de artes, nas séries finais do ensino fundamental, no qual será apresentada a proposta de um plano de aula e também será analisado um questionário submetido aos alunos, que teve por objetivo observar a visão dos alunos sobre o ensino de artes.

Já no terceiro capítulo, ao identificar as dificuldades e desafios do ensino de artes visual dentro do presídio e de dialogar sobre estes desafios, apontaremos algumas possibilidades de se trabalhar artes visuais na referida escola.

Esta monografia também tem como objetivo demonstrar que a sensibilidade e a criação podem ser desenvolvidas por todos; independente da idade e classe social, além de apontar os desafios e as possibilidades deste ensino.

Segundo Lúcia Gouvêa Pimentel,

Arte, enquanto área do conhecimento, além de ser um modo de pensar, de chegar a produções inusitadas e estéticas, de propor novas formas de ver o mundo e de apresentá-las com registros diferenciados, é também uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político. (2008, p.26)

## CAPÍTULO 1. APRESENTANDO A ESCOLA



Figura 1: Entrada do Prédio

### 1.1 UM BREVE HISTÓRICO

Baseado no Regimento Escolar será apresentado um breve histórico sobre a Escola Detetive Marco Antônio: “No ano de 1986, o então prefeito de São João Del Rei, Dr. Cid de O. Valério sanciona a lei nº. 2.256, que autoriza a desapropriação da área de terreno localizado no Morro Grande, sendo esse imóvel posteriormente doado ao Estado de Minas Gerais, com o objetivo de construir a Cadeia Pública. Aos 19 dias do mês de abril do ano de 1988, foi fundada a cadeia Pública da comarca de São João Del Rei, mais conhecida como “Cadeia do Mambengo”.

Em primeiro de julho de 1999, o então prefeito de São João Del Rei, Fernando Félix Vera Cruz, sanciona a lei nº 3.463 autorizando a doação do terreno ao Estado de Minas Gerais.

Durante a administração da cadeia pública do Mambengo, pela Polícia Civil, o então Superintendente Regional de Ensino Antônio Carlos de Jesus Fuzatto, montou um projeto de ensino denominado “Um novo amanhecer” que iniciou em 2004 e se estendeu até o início de 2007. Esse projeto foi extinto no momento em que a SEDS (Secretaria de Estado de Defesa Social) assumiu a administração do Presídio Regional de São João Del Rei, continuando porém, uma das professoras que lecionava pelo projeto com a turma de alfabetização.

Em 30 de julho de 1998, foi votada pela Assembleia Estadual de Minas Gerais, a lei nº 12.985, que passa todas as unidades prisionais do Estado para a administração da Secretaria de Defesa Social – SEDS. A lei nº 13.720 de 2000 também veio para reforçar essa passagem e desta forma, todas as unidades prisionais que eram administradas pela Polícia Civil, passaram a ser responsabilidade da SEDS.

O Projeto Político Pedagógico relata que no ano de 2000, um fato marcou a história da cadeia. Dia 06 de fevereiro de 2000, o Detetive de polícia civil Marco Antônio de Souza, nascido em 29 de agosto de 1962, na cidade de Barroso-MG, que formou-se em 1992, na Academia de Polícia Civil de Belo Horizonte (ACADEPOL), foi surpreendido por quatro detentos que haviam cerrado as grades de suas celas portando armas de fogo para realizarem a fuga. Quando os presos se assustaram com a presença do detetive dispararam contra ele, atingindo um tiro em sua cabeça, causando-lhe morte instantânea. Desde 1958, Marco Antônio prestava serviços para a polícia civil de São João Del Rei e até a data de sua morte, na cadeia pública do Mambengo. Resolveram, então, homenagear o Detetive Marco Antônio de Souza, dando à Escola seu nome.

Segundo o Projeto, em 2004, a Secretaria de Estado de Educação e Secretaria de Estado de Defesa Social firmaram convênio, com aditamento em 2005, visando a efetivação desse direito constitucionalmente garantido e cumprido pelo Estado do dever de assistência ao preso, especificamente à assistência educacional, conforme determina a Lei de Execução Penal( Lei nº 7.210/84)

O Projeto afirma que as atividades da Escola iniciaram-se no dia 03 de março de 2008, tendo como sua primeira diretora a professora Odete Lúcia do Sacramento. Sua modalidade de ensino é Educação de Jovens e Adultos –EJA, Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio. A inauguração desta se deu em 17 de abril de 2008, quando também comemorou-se 1(um) ano que a cadeia Pública do Mambengo passou a Presídio Regional de São João Del Rei.

Nos anos subsequentes de 2009, 2010 e 2012, a escola foi estendida respectivamente para Apac-Masculina, Casa do Albergado e Apac-Feminina, nos moldes da Escola instalada na Unidade Prisional do Mambengo.

A Escola Estadual Detetive Marco Antônio de Souza, situada no Presídio Regional de São João Del Rei, na estrada do Morro Grande, s/nº Bairro Fazenda do Mambengo, entrou em funcionamento através do ato de criação pelo Decreto 44.688

de 26 de dezembro de 2007 e autorização de funcionamento pela portaria 001/2008 MG de 09 de janeiro de 2008. A entidade mantenedora é a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

A EEDMAS (Escola Estadual Detetive Marco Antônio de Souza), localizada no presídio, conta com uma estrutura física pequena e precária. É um estreito corredor cimentado e descoberto, com canteiros de flores em sua lateral que dá acesso às dependências deste estabelecimento de ensino. A Escola é composta por 01 secretaria, 01 biblioteca, 03 salas de aula e 01 banheiro. A biblioteca também funciona como sala dos professores.

Apesar de ter grade, a porta da cela na biblioteca é mantida aberta, pois em seu interior os alunos não circulam. Eles frequentam a biblioteca somente quando a bibliotecária ou a supervisora trabalham com atividades de reforço ou aplicam prova; o agente penitenciário conduz o aluno a essa sala e tranca com cadeado a porta da cela.

Outra peculiaridade da Escola é em relação aos trajés. Com relação ao traje dos funcionários que trabalham na Escola, no presídio, a exigência com relação à forma de se vestir das mulheres é mais rigorosa. Todas utilizam jaleco, que já é vestido antes da revista, para que possam transitar dos corredores do presídio para a Escola. As mulheres também são orientadas a não usarem brincos, pulseiras, relógios, anéis, ou qualquer objeto de valor, bem como batons e esmaltes vermelhos ou escuros, blusas preta ou vermelha, calças justas, saias, vestidos e sapatos de saltos. As recomendações em relação às vestimentas femininas são justificadas pela segurança a fim de evitar futuros constrangimentos em relação aos presos, todos homens. Aos homens não é obrigatório o uso do jaleco, no entanto, são orientados para que não portem objetos de valor.

Com relação aos alunos, eles usam um uniforme vermelho com a sigla (SUAPI) Subsecretaria de Administração Prisional nas costas e na parte frontal da calça. Calçam chinelo e portam apenas a carga de caneta, sendo proibido levar para a cela caderno, lápis e a caneta completa. Eles são escoltados diariamente por agentes no trajeto para a Escola e desta para a cela. Passam pelo corredor cabisbaixo e com as mãos para trás; os que estão em regime fechado são algemados. Eles passam pelo procedimento de revista no momento em que saem da cela e quando retornam dela.

Não foi informado o número de detentos, mas atualmente são disponibilizadas 80 vagas aos presidiários para acesso à Escola no presídio. Por questões de segurança e pela pequena estrutura da Escola, o número de vagas é delimitado pela equipe dirigente da instituição prisional de São João Del Rei. Ressaltando que a Resolução nº 2, de 19/05/2010 reconhece o direito de aprendizagem a todos os encarcerados. De acordo com a Resolução nº2, de 19/05/10

Considerando o que foi aprovado pelas Conferências Internacionais de Educação de Adultos (V e VI CONFINTEA) quanto à “preocupação de estimular oportunidades de aprendizagem a todos, em particular, os marginalizados e excluídos”, por meio do Plano de Ação para o Futuro, que garante o reconhecimento do direito à aprendizagem de todas as pessoas encarceradas, proporcionando-lhes informações e acesso aos diferentes níveis de ensino e formação.

Para que possam estudar, são os próprios detentos que manifestam interesse, por meio de bilhetes entregues pelos outros presos que já estudam ou por recados verbais, que são enviados à pedagoga do presídio. A pedagoga é funcionária da SEDS, ou seja, ela não faz parte do quadro de profissionais da Escola.

Os requisitos para que a solicitação do preso seja atendida são bom comportamento, interesse, documentação completa (em caso de ter interrompido os estudos), ter passado pela avaliação da CTC (Comissão Técnica de Classificação) e estar em regime preferencialmente fechado, o que significa que vai ficar mais tempo no presídio.

A CTC é a comissão técnica de classificação existente em cada unidade prisional, cuja função é classificar o sujeito privado de sua liberdade segundo os seus antecedentes e personalidade. Atuam na CTC do presídio de São João Del Rei o diretor geral, o diretor da segurança, o diretor de ressocialização, o psicólogo, o dentista, o jurídico, o gerente de produção, a assistente social, a enfermeira e a pedagoga.

## 1.2 TEMPO E ESPAÇOS ESCOLARES

O Projeto Político Pedagógico apresenta que a Escola é organizada em regime de períodos, sendo os anos iniciais com duração de três anos, anos finais também com duração de três anos. O ensino médio com duração de dois anos, sendo três aulas por dia com duração de 50 minutos cada, tendo a complementação da carga horária com Atividades de Estudos Complementares (são aquelas realizadas fora da carga horária diária, ou, até mesmo fora dos dias letivos, e desenvolvidos dentro ou fora do espaço escolar).

A Escola se divide em quatro endereços:

**Presídio:** Há aulas no turno da manhã – 7:30h às 10:00h e 10h30min às 13:00h. No turno da tarde – 13:30h às 16:00h.

Endereço: Estrada do Morro Grande, s/nº, Fazenda do Mambengo

CEP: 36.300-000

**Apac Masculina:** Há aulas no turno da manhã – 7:30h às 10:00h e 10h30min às 13:00h. No turno da tarde – 14:00h às 17:00h.

Endereço: BR 265 S/N

Bairro: Bonfim

CEP: 36.300-000

**Apac Feminina:** Há aulas no turno da noite – 18:00h às 20:30h

Endereço: Rua José Resende Campos, 527

Bairro: Jardim Paulo Campos

CEP: 36.305-041

**Casa do Albergado:** Há aulas no turno da noite – 18:30h às 21:00h

Endereço: Avenida General Osório, 745

Bairro: Tijuco

CEP: 36.300-168

No caso do presídio, a organização do tempo escolar depende da instituição prisional em diversos aspectos, tais como: o tempo dos agentes penitenciários para buscar os alunos das celas para a Escola e destas para a cela, para realizar o procedimento de revista na equipe escolar e depois para acompanhá-los até a Escola e do Corpo dirigente que decide pela interrupção das aulas em determinados dias, etc.

O tempo das aulas não é determinado por sirenes, apitos ou por qualquer instrumento que possam anunciar o início ou fim das aulas. Os professores que são os responsáveis por regular a duração de suas aulas. Mas não só eles, a instituição prisional muitas vezes também controla esse tempo.

O espaço utilizado é a sala de aula. É nele que são desenvolvidas as aulas, bem como os projetos de leitura e valorização humana. O professor ministra a aula na sala, que é trancada por fora e um agente penitenciário fica em frente a sala, do lado de fora, como segurança. O empréstimo de livros é realizado pela professora de uso de biblioteca que leva os livros aos alunos, já que os mesmos não têm acesso à biblioteca.

Segundo a Coordenadora Pedagógica, o Projeto Político Pedagógico da Escola foi construído juntamente com a comunidade escolar, e ele foi reelaborado para atender a expansão da escola e atualização de normas regimentais, no período de julho a dezembro de 2015. Entende-se por comunidade escolar, professores, coordenação e direção; uma vez que os alunos não participam da construção do Projeto. Para ela o projeto é flexível e poderá sofrer alterações no seu percurso.

Segundo informações da Escola, os alunos são jovens e adultos com faixa etária entre 19 e 60 anos de idade, mas a maioria compreende entre 22 a 32 anos. De acordo com os dados fornecidos pela Escola e pelo Presídio, a maioria possui média de 01 filho, têm empregos que exigem escolaridade baixa (serviços gerais, pedreiro, servente de pedreiro, acabador de móveis, pintor, marceneiro e outros).

Encontra-se no histórico do Projeto Pedagógico da Escola Detetive Marco Antônio que “Em sua maioria, são sócio economicamente de nível baixo, com uma bagagem cultural defasada, com famílias desestruturadas e acesso à escola limitado, por causa da segurança”.

É necessário enfatizar “cultura defasada”, demarcada no Projeto Pedagógico, para questionarmos o que isto quer dizer. Que implicações esta afirmação pode



acarretar no processo de ensino? Existe somente um saber correto, de valor?  
Destaca Paulo Freire,

(...) porque acontece o seguinte: é que, indiscutivelmente, há uma sabedoria popular, um saber popular que se gera na prática social de que o povo participa, mas, às vezes, o que está faltando é uma compreensão mais solidária dos termos que compõe o conjunto desse saber. (1986, p.14)

Rotulações como estas apontadas acima devem ser evitadas, para que não justifiquem um ensino comprometido e com menor qualidade. Afirma Frei Betto, (1986, p.31)

(...) ao colocar-se frente à classe e emitir conceitos que os alunos não conseguem decifrar – e isso é válido para palestras e conferências -, ele está não apenas reforçando a ideia de que o professor é aquele que sabe, mas também a ideia de que o aluno é aquele que não sabe e, para saber, depende do professor – se ele se dispuser a dar uma migalha de seu saber a seus alunos... Mesmo dando migalhas, a postura é de quem está convencido de que os alunos jamais vão saber como ele sabe e, por isso, precisarão sempre das luzes daquela inteligência suprema.

O Projeto Político Pedagógico define a Escola “como uma comunidade inserida em um sistema prisional que busca a ressocialização de indivíduos que se excluíram/foram excluídos do convívio social”.

### **1.3 ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA**

A Escola do Presídio, atualmente é composta por uma Diretora, Vice-Diretora, Supervisora, 3 secretários, 01 PEUB (Professor de Uso da Biblioteca), 3 Professoras de Anos Iniciais, 1 Professor de Português, 2 Professores de Matemática, 1 Professor de História, 1 Professor de Geografia, 1 Professor de Arte, 1 Professor de Ciências e Biologia, 1 Professor de Inglês, 1 Professor de Educação Física, 1 Professor de Física, 1 Professor de Química, 1 Professor de Filosofia, 1 Professor de Sociologia.

No item Organização Pedagógica, do Projeto Político Pedagógico, destaca que “O trabalho realizado pelos professores busca o resgate da autoestima e valores, tudo para conscientizar o aluno para a mudança de conduta”.

A Filosofia da Escola se fundamenta no “desenvolvimento da Consciência Moral”, de acordo com o PPP, sendo visto que “nossa clientela nos chega formada socialmente, porém com grande número de deficiências que se apresentam nos

seguintes aspectos: moral, intelectual, profissional, psicológico, familiar, etc.” Ao analisar esta fala retirada do Projeto da Escola pesquisada, nos deparamos com alguns adjetivos que nos faz questionar qual a concepção da Escola. Seria uma concepção moralista? O que o termo clientela quer dizer? Os alunos são consumidores? Porque resgate da autoestima? Eles já tiveram autoestima? Nos levanta a possibilidade de desconhecimento do sujeito, uma rotulação de como são todos os alunos presidiários.

O objetivo da Escola, segundo o documento analisado, tem como foco “a educação da emoção, da autoestima, da solidariedade, da tolerância, da segurança, do raciocínio lógico, da capacidade de gerenciarmos pensamentos e habilidades de trabalhar perdas e frustrações. Que seja uma escola que priorize o conhecimento como forma de resgate de valores sociais. E mais uma vez nos perguntamos, quais são os valores que queremos resgatar?

## CAPÍTULO 2: O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO SISTEMA PENITENCIÁRIO

Introduzimos este capítulo com várias indagações: Qual é o papel da escola? E da escola dentro de um presídio? E o papel do professor? E a Arte, qual seu papel neste contexto?

Como pensar a educação em um lugar que aprisiona, que anula o indivíduo? O sistema prisional hoje se caracteriza pelo isolamento, pela separação, ou seja, afasta o condenado da sociedade, punindo-o e vigiando-o, enquanto fala de educação como um meio de reinserção social. Vivemos uma contradição na educação prisional: a educação, por um lado com sua essência transformadora, como possibilidade, e por outro lado a cultura prisional que se caracteriza pela repressão, pela ordem, pela submissão e disciplina.

Frei Betto afirma que a educação pode ajudar na recuperação do preso. Para ele,

No momento em que o homem emerge da percepção da vida como mero processo biológico para a percepção da vida como processo biográfico, histórico, ele começa a fazer da sua revolta como um marginal e bandido um potencial de contestação política. Ele começa a situar-se com ser político. (1986, p.43)

Em contrapartida, o sistema carcerário anula a subjetividade do preso, quando não permite que ele possa racionalizar a situação em que se encontra. Foucault considera a prisão um dos espaços sociais apropriados para produzir o “corpo dócil”, economicamente produtivo, socialmente civilizado, politicamente disciplinado e culturalmente devotado à prática e às razões do Estado. Segundo o autor,

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômico de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos político de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (2005, p.119)

A escola pesquisada tem alguns aspectos diferentes das demais: a ocupação do tempo, a justificativa de “distração para a mente”, a possibilidade de diminuição da pena e de arrumar emprego quando em liberdade, possibilidade de sair da cela, reabilitação, recuperação, reeducação, entre outras. Se reeducar na cadeia, significa sobretudo, obedecer e se adaptar às regras do presídio. Para alguns agentes penitenciários, “é bom que estude para ser mais educado, ou seja, obedecer melhor”.

Quando está na Escola, o aluno tem alguns acessos que antes eles não tinham. Um deles é o contato com presos de outras celas. Segundo Elenice Maria Cammarosano,

A Escola na prisão é apontada pelo aluno como um espaço fundamental para que possa fazer valer seu direito à cidadania, e a aprendizagem da leitura e da escrita permanece essencial para que seja adquirido o mínimo de autonomia. (2007, p.21).

Outro acesso é a relação estabelecida com o professor; que é diferente da estabelecida com os agentes prisionais e a com os demais presos. Na medida em que a escola vai acolhendo o aluno, ele passa a pertencer a este lugar. A escola lhe oferece a possibilidade de aprender outra postura e ele passa a não ser só um número, também passa a ser o “que estuda”.

Quando o ser humano vai preso, ele “perde” seu nome, sua identidade e seus pertences mais íntimos. Na cadeia ele ganha um uniforme vermelho e um número de identificação; seu INFOPEN. Na Escola Detetive Marco Antônio, o aluno é tratado pelo seu nome e a sala de aula oferece um momento de socialização, de troca com os colegas e com os professores. Para Elenice,

Sendo a Escola ponto de encontro dos diferentes pavilhões, representa um campo de interação de diferentes concepções de mundo. É nesse espaço que o professor coloca suas intenções de modificar atitudes, capacidades e ideias - é portanto, um local de possível manifestação do comportamento transformador. (2007, p.26)

No presídio, a Escola pesquisada também enfrenta dificuldades diversas das demais, tais como a aceitação de aluno no fim de ano, castigo incluindo ausência na escola, atendimento médico e dentário no horário das aulas. A rotatividade dos alunos é muito grande e acontece durante todo o ano letivo, quando eles são transferidos do presídio, por razões de indisciplina, segurança ou por mudança de regime. Outra dificuldade é a heterogeneidade em relação à aprendizagem e ao

desenvolvimento. O acesso ao histórico escolar também é uma grande dificuldade que a escola encontra, porque muitas das vezes, o aluno e a família não têm o histórico e a Escola que tem que fazer a localização e buscar este histórico e em algumas das vezes o aluno não se recorda onde estudou, fazendo desta localização uma tarefa árdua.

Uma grande dificuldade também enfrentada na Escola, mas desta vez, mais sentida pelos professores, é a linguagem desenvolvida na cadeia, muitas vezes por códigos, que dificulta a inserção do mesmo nesse universo.

Com todas as dificuldades apontadas acima, ainda enfrentamos o desafio de promover a aceitação da Arte como Componente Curricular. Por ser, muitas vezes, mal compreendida e em muitos casos apresentada de forma equivocada, o ensino de Arte é uma das áreas do conhecimento que sofre com o desinteresse dos alunos. Especificamente no Presídio de São João Del Rei, ela se apresenta de forma mais relevante por alguns motivos: os alunos apresentam muitas dificuldades devido ao longo tempo longe da Escola; apresentam dificuldades mentais e motoras possivelmente devido ao uso prolongado de drogas; o interesse em assinar remissão (é um documento que registra a presença do aluno em sala de aula e é revertida na redução da pena); maior interesse em aprender a ler e escrever para escrever cartas; dificuldade de materiais devido à segurança e desestímulo do professor, entre outras.

O desafio é introduzir um aluno desinteressado por estar em uma realidade excludente e restrita às diversas possibilidades que a Arte proporciona. Uma estratégia seria a aproximação dos conteúdos a serem desenvolvidos no ensino de Arte, em especial de Artes Visuais ao aluno.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam o ensino e a aprendizagem de conteúdos que colaboram para a formação do cidadão, buscando igualdade de participação e compreensão sobre a produção nacional e internacional de arte. A seleção e a ordenação de conteúdos gerais de Arte, de acordo com os Parâmetros Curriculares têm como pressuposto a clarificação de alguns critérios, que também encaminham a elaboração dos conteúdos de Artes Visuais, Música, Teatro e Dança e, no conjunto, procuram promover a formação artística e estética do aprendiz e a sua participação na sociedade.

De acordo com a Proposta Curricular de ensino de Arte do Ensino Fundamental - 6º ao 9º Ano, apresentada pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais

Arte é a oportunidade de uma pessoa explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos. O ensino de Arte deve possibilitar a todos os alunos a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer. (2015, p.12)

Segundo a Proposta Curricular, o professor de arte, teria portanto, a função de “possibilitar experiências e vivências significativas em apreciação, reflexão e elaboração artística”. (2015, p.13) Compete ao professor buscar alternativas pedagógicas para a construção de um ensino de Arte de qualidade. No entanto, não podemos nos esquecer do lugar onde esse professor está atuando. Como proporcionar aos alunos um contato mais próximo com a Arte, levando em conta limitações do Presídio, uma vez que muitos materiais não podem ser utilizados em sala de aula e alguns para serem liberados necessitam de uma autorização prévia solicitada pela Escola por meio de ofício.

A fim de entender o funcionamento das aulas de Arte no presídio, desenvolvi uma entrevista com a Professora responsável pelos anos finais do Ensino Fundamental. Também observei algumas aulas e analisei o Planejamento Anual da professora, que foi muito receptiva à intenção da pesquisa.

Será uma pesquisa qualitativa, na qual pretendemos observar e analisar o 3º F, ou seja, 8º e 9º ano do ensino fundamental. Segundo Alves, (1999, p.166-167), a observação apresenta as seguintes vantagens:

- a) Independe do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos;
- b) permite checar, na prática, a sinceridade de certas respostas que, às vezes, são dadas só para causar boa impressão;
- c) permite identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir; e
- d) permite o registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial.

A forma trabalhada será da observação participante.

Na observação participante, o pesquisador se torna parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. A importância

atribuída à observação participante está relacionada à valorização do instrumental humano, característica da tradição etnográfica.

A principal vantagem de se trabalhar com a observação participante é recolher dados no contexto cultural, podendo assim obter relatos na própria linguagem dos participantes, o que permite o acesso aos conceitos usado no cotidiano deles.

Alves-Mazzotti destaca a relevância da técnica de observação no contexto das investigações coletivas. Para a autora, “a observação de fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas”. (1999, p.164) Através dessa colocação, torna-se mais segura nossa metodologia, baseada na observação como centro do nosso projeto. Como foi citado acima, também será utilizada a entrevista.

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é uma das técnicas mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela buscamos obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos.

A entrevista é definida por Haguete (1997, p.86) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Para realizar uma boa entrevista, são necessárias algumas qualidades para que o entrevistador obtenha um bom resultado. Ressalta Thompson,

(...) o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar, sem resistir à tentação de discordar do informante ou de lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que ou são inúteis, ou possivelmente enganosas. (1992, p.254)

Segundo o autor citado acima, é possível aprender como ser um bom entrevistador. No texto “A entrevista”, ele aponta alguns passos que facilitam a entrevista, como a preparação de informações básicas, mapeando o campo, colhendo ideias e informações e por meio de leituras.

Ao preparar a entrevista foram levadas em conta as particularidades do ensino no Presídio. Também foram elaboradas questões em relação ao planejamento e à forma de ensino de Arte na Escola. A professora de Arte do

presídio cursou o Magistério em Educação Artística no Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier e trabalhou com musicalização em Escolas Estaduais, nos anos iniciais durante quatro anos. Atualmente está cursando o 8º período no curso de Artes Aplicadas, na Universidade Federal de São João Del Rei, (UFSJ). Ela leciona Arte no presídio desde 2008, quando o mesmo inaugurou.

Durante a entrevista a professora ressaltou que ensinar Arte no presídio é diferente de ensinar Arte em Escola regular, porque:

(...) os alunos são pessoas que passaram por experiências que eu nem consigo imaginar, agressões de todas as formas, físicas e morais. Humilhações, abandono, necessidade. (fala da professora durante a entrevista)

Ao se referir ao planejamento, ela disse que tinha sido construído juntamente com as outras professoras de artes da Escola e que não existe outro tipo de planejamento, são feitas apenas adaptações no anual. Para se fazer o planejamento, foi utilizado o livro didático: EJA Moderna, Obra Coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna.

Sobre as aulas de Arte, “por ser um trabalho no Presídio, os materiais utilizados em sala de aula são limitados”. Ela ressaltou que a falta de material é a maior dificuldade que ela encontra em lecionar dentro do presídio.

Finalizando a entrevista a professora reforça a importância da arte:

A Arte trabalha a sensibilidade do ser humano. Se conseguirmos resgatar o olhar inocente e sensível dos alunos, que eles perderam ao longo de seus caminhos teremos uma sociedade humana para ajudar na evolução do planeta. O professor de Arte acredita no ser humano e sabe que Deus não abandona seus filhos. Por isso temos a esperança de recuperação das pessoas e trabalhamos para isto. (fala da professora durante a entrevista)

Analisando a fala da professora, verificamos uma concepção de educação e de ensino de arte muito ligada à religião no aspecto da salvação. Uma educação com o caráter moralizador e isso nos faz questionar papel do educador e da educação.

Ao refletir sobre o processo educacional que observei durante o tempo que permaneci na escola, resolvi elaborar um questionário, com permissão da



professora, para que os alunos respondessem sobre como eles percebem o ensino de arte.

Foram entrevistados 22 alunos, todos do 3ºF (8º e 9º ano do fundamental). Do número total de alunos, apenas 7 nunca tiveram contato com aula de Arte anteriormente. As perguntas para a entrevista se basearam nas observações feitas durante as aulas de Arte nas quais participei. Quando estava formulando as perguntas fiquei em dúvida de como formular algumas questões para que não inibissem o aluno, e uma dessa dúvida se deu em uma questão específica, sobre o que ele sabia sobre artes visuais. Cheguei a pensar em eliminar essa questão, no entanto me surpreendi com as respostas: “São pinturas, esculturas arquitetônicas, igrejas, cidades históricas, Aleijadinho, Miguelângelo, Leonardo da Vinci, quadros, Já vi quadros, desenhos são feitos e pintados pelas próprias pessoas através de seus conhecimentos sem ajuda de ninguém ou de máquina”. Apenas 01 aluno respondeu que não sabia do que se tratava Artes Visuais. Ao ler as respostas percebi a importância de pensarmos nas percepções dos alunos. Nos leva a refletir sobre “a bagagem cultural defasada” que é apresentada no Projeto Político Pedagógico da Escola.

Ao falar sobre as aulas de Arte, todos disseram que gostam das aulas. As atividades que mais gostam são caça palavras e colorir. Os alunos apontam o colorir e o caça palavras como atividades preferidas. A atividade de caça palavras, ao meu entender, não é uma prática que deve ser realizada como atividade de Arte. O colorir se refere em colorir desenhos que a professora já trás, são desenhos prontos. Esta atividade nos faz recordar a educação tradicional, onde o aluno aprendia Arte copiando modelos e treinando habilidades. A proposta de Arte atualmente é diferente, ela propõe a interação com a Arte, a pesquisa do aluno, a orientação técnica em prol da expressão, da criatividade e o apoio do professor nesse processo, como base ao desenvolvimento artístico, estético e cultural.

Também foi unânime terem as aulas como distração. “Num lugar como esse é bom algo para distrair a mente”; “A atividade que mais gosto é o caça palavras, porque é uma terapia pra minha mente”; “A aula é boa porque encontro uma forma de esquecer os problemas pessoais”. Como a maioria se referiu a aula de arte como algo para distrair a mente e como terapia, foi percebida necessidade de definir Arteterapia.

Segundo Gabriella Porto:

A arteterapia é um procedimento terapêutico que funciona como um recurso que busca interligar os universos interno e externo de um indivíduo, por meio da sua simbologia. É uma arte livre, conectada a um processo terapêutico, transformando-se numa técnica especial, não meramente artística. É uma forma de usar a arte como uma forma de comunicação entre o profissional e um paciente, buscando uma produção artística a favor da saúde. ( 2015)

Finalizando o questionário, foi solicitada uma sugestão para a aula de artes e 09 alunos disseram que as aulas são ótimas, que não precisa mudar nada. Os outros 13 alunos fizeram sugestões diversas, como “passar filmes sobre Artes”, “palestrantes”, “quadros para pintar”, “desenhos de observação de paisagens em telas”, “fazermos pulseiras, fazer artesanato em gesso”, “pintura”, “dobradura”, documentário sobre a arte brasileira.” Sugestão de um aluno, “Gostaria que os diretores abrissem mais portas para a aprendizagem de Arte, pois uma sugestão que dou é uma aula de pintura ou de fazer quadros, porque de um presídio pode sair vários artistas e desenhistas, pintores famosos”.

Depois de eu ler e analisar o questionário respondido pelos alunos foi identificado por mim a oportunidade de elaborar uma atividade seguindo algumas sugestões que eles indicaram no questionário.

A atividade se constituirá em apresentação da vida e obra de Guignard e a proposta será a construção de postais, que será apresentada detalhadamente no próximo capítulo.

### **CAPÍTULO 3: CRIANDO.... ALÉM DAS GRADES**

Pensando nas dificuldades e desafios do ensino de Artes Visuais dentro do presídio, foi elaborada juntamente com a professora de Arte, uma oficina de cartões para os alunos do 2ºF(6º e 7º ano) e para o 3ºF(8º E 9º ano).

Propor a prática é mais do que simplesmente a ação de algumas propostas, é também permitir-se pensar sobre aquela prática. A oficina possibilitou vivenciar as dificuldades que o professor enfrenta no dia-a-dia em sala de aula, é uma oportunidade de experienciar os desafios pensando em como encontrar possíveis caminhos. Afirma Freire:

(...) de fato, pensar a prática de hoje não é apenas um caminho eficiente para melhorar a prática de amanhã, mas também a forma eficaz de aprender a pensar certo. (1986. p.9)

O planejamento da oficina foi construído a partir do questionário respondido pelos alunos<sup>1</sup>, onde eles demonstram o interesse em conhecer sobre a vida e obra de um artista brasileiro e também relataram o desejo de trabalhar com tinta.

Para que a oficina pudesse ser realizada, foi necessário que a diretoria da Escola enviasse um ofício solicitando a autorização dos materiais, entre os quais: evistas, tesoura, tinta guache e de tecido, papéis e um CD contendo um vídeo sobre o trabalho do autor.

A escolha do artista Guignard surgiu de uma conversa com a orientadora desse trabalho, onde foi exposto o interesse dos alunos por poesias e histórias que os inspirassem para escrever cartas. Em sua maioria, o maior interesse em entrar na Escola é para aprender a ler e escrever para que possam escrever e ler as cartas que trocam com familiares. Ela sugeriu o autor por suas cartas e cartões para Amalita, o que realmente causou um grande interesse nos alunos por se aproximar à sua realidade.

Para iniciar a oficina que intitulei como Criando...além das grades, foi entregue um pequeno texto falando um pouco sobre a vida e obra de Alberto da Veiga Guignard.<sup>2</sup> De acordo com algumas pesquisas, Guignard teria trocado cartas com Amalita, mas tudo indica que ele não teria enviado os cartões. Depois de ler o pequeno texto, um aluno comentou: “escrever, ele escrevia o que queria que ela lesse, mas o desenho fala mais do que queria que ela soubesse.” Também falaram

---

<sup>1</sup> Ver anexo 2

<sup>2</sup> Ver anexo 4

sobre os artistas de rua: “aqueles que pintam na rua, nos azulejos com as mãos são verdadeiros artistas”. Após a discussão sobre o texto, também foi apresentado em duas folhas cinco cartões feitos por Guignard. Em seguida, eles assistiram no DVD o vídeo “Cartões de Guignard para Amalita”, com roteiro inspirado nos Cartões de Guignard para Amalita, oficina de animação e direção Marcelo Branco<sup>3</sup>.

Após o vídeo, foi exposta a sugestão de muitos alunos de fazerem pinturas usando tintas guache e de tecido. Eles ficaram um pouco espantados por saber que as sugestões tinham sido lidas e mais ainda, aceitas. Todo o material levado foi colocado em cima de algumas mesas e foi pedido para que individualmente, os alunos construíssem seus cartões inspirados nos cartões de Guignard, podendo ser escrito ou não, com recorte e colagens, pinturas, desenhos, mas pensando em alguém, independente se eles fossem entregar ou não.

Os materiais utilizados foram: pincéis, lápis de cor, cola, giz de cera, tintas de tecido, tintas guache, revistas, tesoura, cartolinas, papel cartão, colas com glitter.

Os alunos ficaram surpresos com a diversidade de material, então foi explicado para eles a dificuldade de entrar com materiais diversos, pois os mesmos questionaram a professora pela falta de material, então se fez necessário esta colocação.

Em seguida, começaram a construir os cartões, mas o tempo foi muito pequeno, precisando utilizar outra aula, o que não foi problema, pois ao ver a concentração de alguns, a professora cedeu a aula sem problemas.

Alguns alunos fizeram os cartões para as mães; é percebido em muitos deles, uma relação de respeito, idolatria e até santidade.

---

<sup>3</sup> – ABCA; áudio, cores e edição de **F7 Filmes** e produção executiva Juliana Amaral Alves. Apoio Cultural: AAMM (Associação dos Amigos do Museu Mineiro), Museu Mineiro, SUM (Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais), Vivo e Governo de Minas. Trata-se de uma animação inspirada nos cartões artísticos criados por Guignard entre 1932 e 1937. Produzida numa oficina F7 Filmes no Museu Mineiro, em Belo Horizonte, Minas Gerais.



Mãe, amor eterno.

Oficina Criando...além das grades



Para minha mãe, com amor.

Oficina Criando...além das grades.



Único e verdadeiro amor.  
Oficina Criando... além das grades.



Meu pai, meu herói.  
Oficina Criando...além das grades

O tema mais recorrente das pinturas foram as paisagens; as árvores, o verde, o sol, pássaros.



A beleza da natureza.

Oficina Criando...além das grades.

Ao me entregar o desenho, este aluno disse que não tinha ficado muito bom porque era a primeira vez que ele pintava com tinta e pincel.



Livres e felizes.

Oficina Criando...além das grades.



Coqueiro

Oficina Criando...além das grades.



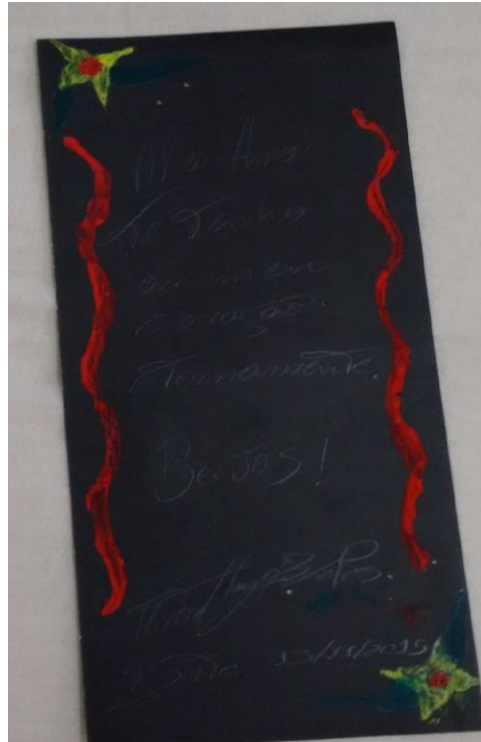
Casa da fazenda.

Oficina Criando...além das grades.

Este aluno fica muito quieto e isolado, senta no fundo da sala e os colegas e as professoras ficaram impressionados como ele ficou concentrado pintando. Ele



disse que foi a primeira vez que tinha contato com tinta e que estava gostando muito, que ele queria pintar uma tela.



Meu amor, eterno amor  
Oficina Criando...além das grades.

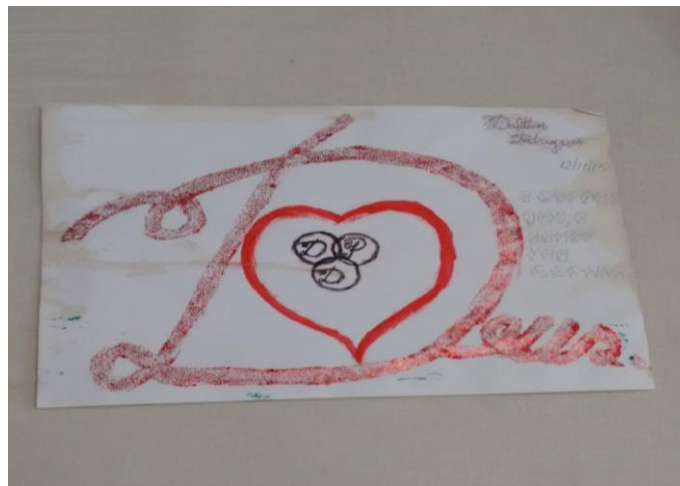


Homenagem para a professora.  
Oficina Criando...além das grades.

Obs: Neste desenho acima, o aluno disse que ia utilizar só o lápis de cor porque não estava acostumado com a tinta.



Uma flor brotou com sua beleza.  
Oficina Criando...além das grades.



Família: o que Deus uniu o homem não separa.  
Oficina: Criando...além das grades

Alguns alunos não quiseram participar da oficina, uns não queriam no começo, mas depois acabaram se envolvendo. Quando estava terminando o tempo, agradei a todos pela participação e expliquei que a oficina iria fazer parte de uma pesquisa que eu estava desenvolvendo e os pedi autorização para levar os trabalhos para casa para fotografar e que os devolveria no outro dia, em que todos os alunos decidiram me presentear com seus trabalhos, o que me deixou muito feliz.

No total foram construídos 16 cartões. No dia de realização da oficina faltaram quatro alunos e dois não quiseram fazer. No desenrolar da atividade, a professora disse que antes ela também fazia este tipo de atividade e que comprava os materiais com o dinheiro dela. Mas ao longo dos anos ela foi ficando desmotivada, pela falta de dinheiro e pela dificuldade de ter que fazer ofício de solicitação de entrada de materiais toda vez que fazia o planejamento de uma atividade diferente. Mas ela disse que a oficina e o interesse dos alunos tinham resgatado a motivação nela e eles combinaram de fazer outras oficinas até terminar o ano letivo e a próxima será com o tema de Natal. Fui convidada pela professora e pelos alunos para participar da nova oficina e já estamos pensando no planejamento, nos materiais e no novo ofício de solicitação...

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência, o contato com o presídio, nos faz analisar o quanto é possível fazer um ensino de qualidade, que realmente tenha aprendizado e significado para os alunos e, inclusive e principalmente, para nós educadores. Conseguimos perceber que alguns professores ainda estão presos à educação tradicional e esta é também uma tarefa, para nós educadores, estarmos sempre atento às mudanças, percebendo a importância de estarmos sempre estudando, pesquisando e nos “atualizando”. O conhecimento é uma tarefa contínua.

O ensino no presídio é uma tarefa árdua, mas com uma riqueza de informações. Suas contradições e suas especificidades nos obrigam a pensar em uma educação que incorpore, em seu processo pedagógico, o desenvolvimento de ações que levem o indivíduo a conhecer-se como sujeito capaz de agir e transformar sua realidade. Mas como, se esse sujeito estiver inserido em um ambiente que anula sua subjetividade e o faz apropriar-se de uma cultura excluída da sociedade, o que é próprio das prisões.

Pensar a educação escolar no presídio significa olhar para sua singularidade e especificidade e refletir sobre sua contribuição para a vida dos encarcerados e da sociedade em geral, por meio da aprendizagem participativa e da convivência fundamentada na valorização no desenvolvimento do outro e de si mesmo.

O estudo apresentado permite repensar possíveis caminhos para o ensino nas prisões, na medida em que estas se constituem como mediadoras entre saberes, culturas e realidades, oferecendo possibilidades que libertem e unam os excluídos que vivem no interior das prisões. Afinal, como seres pensantes que somos, todos temos o que aprender, e o que ensinar.

Neste processo, o papel do professor é fundamental, uma vez que o desenvolvimento de cada aluno está relacionado com as oportunidades de aprender a fazer arte. E ao fazer e conhecer arte ele investiga e relaciona sua criação com a dos colegas e dos artistas.

Através da teoria estudada para a construção deste trabalho, e posteriormente, da oficina, foi observado que o ensino de Arte na Escola é um dos caminhos, uma vez que a mesma permite ao educando desenvolver suas habilidades, permitindo-lhe explorar seus sentimentos, realizando trabalhos estéticos e aumentando assim seu conhecimento. Segundo Ana Mae Barbosa, 2015,

A escola seria a instituição pública que poderia tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação. Isto não só é desejável, mas essencialmente civilizatório, porque o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma cidade, nação ou império, disse Stuart Hampshire alguma vez em algum de seus escritos.

Finalizo este estudo questionando: que tipo de educadores podemos ser nesse meio? Quais contribuições podemos oferecer como professores de Arte? E deixo para todos mais uma contribuição de Ana Mae Barbosa,

Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. (2015)

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo, Pioneira, 1999. p.164-167.

BARBOSA, Ana Mae. Apreciar e interpretar. Portal A Compreensão e o Prazer da Arte. Disponível em: [www.sescsp.org.br/SESC/hotsites/arte/art\\_ed.htm](http://www.sescsp.org.br/SESC/hotsites/arte/art_ed.htm). Acesso em: 29 nov. 2015.

BURGUESS, Robert G. **Métodos de pesquisa de terreno I: a observação participante**, A pesquisa de terreno, Oeiras: Celta, 1997. p. 85-127.

EJA MODERNA. Educação de Jovens e adultos: anos finais do ensino fundamental: manual do educador/ organizadora Editora Moderna: obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna: editora responsável: Virgínia Aoki. – 1.ed. – São Paulo: Moderna, 2013.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 4. ed. Ática, São Paulo, 1986. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhet. 30. ed. Petrópolis, Vozes, Cap. 1. Os corpos dóceis, 2005. p. 117-137.

HAGUETE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. 5

Imagem da frente do presídio de São João Del Rei. **Figura 01**. Disponível em: <<http://www.barrosoemdia.com.br/exclusivo-dez-dias-no-mambengo>> Acesso em 02 de novembro de 2015.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **Educação escolar entre as grades**/organizadora: Elenice Maria Camarosano Onofre. Escola da prisão: Espaço de construção do homem aprisionado? São Carlos: EdUFSCar. 2007. 160p.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ARTE/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 41.

PIMENTEL, L. “**Metodologias do Ensino de Artes Visuais.**” In: Curso de Especialização em ensino de Artes Visuais. Lucia Gouvêa Pimentel (org.). 2. ed. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes UFMG, 2008. p. 25-37.

PORTO, Gabriella. **Arteterapia.** Disponível em: < [www.infoescola.com/medicina-alternativa/arteterapia](http://www.infoescola.com/medicina-alternativa/arteterapia) >. Disponível em 20 de novembro de 2015.

**Proposta curricular de arte do ensino fundamental – 6 a 9º ano.** Colaboradores: Lucia Gouvêa Pimentel (Coord.) Evandro José Lemos da Cunha, José Adolfo Moura. Disponível em: <[www.crv.educacao.mg.gov.br/sistema-crv](http://www.crv.educacao.mg.gov.br/sistema-crv)>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

**Projeto Político Pedagógico.** Escola Estadual Detetive Marco Antônio. São João Del Rei. 2015.

THOMPSON, Paul. **A entrevista.** In: A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

YouTube (29 de abril de 2009). **Cartões de Guignard para Amalita.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RXRdt9hHFil> >. Acesso em 10 de setembro de 2015.